

# nefro SP

ÓRGÃO DA SOCIEDADE DE NEFROLOGIA  
DO ESTADO DE SÃO PAULO

ano IV - número 13

■ A FORÇA DA  
CONQUISTA COLETIVA

---

■ MÁRCIO DANTAS E O  
DESAFIO DE UMA GESTÃO

---

■ CONTRIBUIÇÃO  
PARA A DEMOCRACIA



## CRÔNICA

# Um Congresso e Muitas Esperanças

Ruy Barata

Curitiba foi o destino de mais de 2 mil nefrologistas nos meados de setembro deste ano. Programado com antecedência de 4 anos o Congresso Brasileiro de Nefrologia concentrou suas atividades no belo Centro de Convenções - Estação. Temas relevantes da especialidade médica foram abordados por ângulos diversos (científico, médico-assistencial, político, gerencial, educacional e exercício profissional), através de fórmulas consagradas: palestras, conferências, apresentação de trabalhos, sessões de painéis, cursos de atualização e assembleias dos sócios da Sociedade Brasileira de Nefrologia.

Os congressos médicos de maneira predominante apresentam um clima esfuizante de conagração, onde as tribos se juntam por identidades regionais, nacionais, por temas de preferência, ou por semelhanças na formulação de políticas para a instituição médica. Os anfitriões se desdobram junto aos convidados e, dedicam-se às ingentes tarefas de cuidar para que as atividades programadas se processem a tempo e a hora, na busca de evitar contratempos e, assegurar o funcionamento da infra-estrutura de apoio.

Os expositores de medicamentos e equipamentos representam um dos segmentos mais ativos do Congresso, e a concorrência dá o mote oferecendo brindes, recepções, excursões, jantares e coquetéis na dependência de suas estratégias de marketing ora mais agressivas, ora mais sóbrias, umas mais éticas, outras nem tanto. Afinal é o momento em que se reúne a maioria absoluta dos elementos que de maneira eficiente podem alavancar a venda de seus produtos e ampliar seus negócios, num ambiente de exposição e feira de amostras.

Não deixa de ser também uma prova de resistência física, sobreviver a palestras matinais com o sono atrasado, a mente funcionando com freio de mão puxado e a língua travosa pelo tanino impregnado na noite anterior.

O que há de mais interessante certamente é a apresentação dos trabalhos aprovados para sessões de temas livres. Ali pode ser observado o esforço dos grupos de pesquisa mais ativos para manter acesa a chama da investigação experimental, hoje infelizmente ainda pouco numerosos. As sessões de ponto e contra ponto sobre temas polêmicos passaram a ter papel de destaque na formação de opinião nos congressos. Mais uma vez o debate consubstanciado com dados e experiências produzindo resultados animadores. Já o sofrível Fórum de Ensino deu provas de que o modelo improvisado está exaurido e caduco.

Na contramão do sucesso do evento do Congresso observamos um certo vazio na condução das Assembleias da Sociedade Brasileira de Nefrologia. De cara dá pra dizer que não observamos nenhum esforço efici-

ente dos órgãos diretivos da SBN em mobilizar os associados para discussão sobre o papel social, médico-científico e político da instituição e principalmente, o que se espera alcançar neste momento em que a instituição se prepara para completar meio século de existência. Na ausência deste pré-requisito certamente seria vão esperar grandes reflexões sobre a criação ou fortalecimento de instrumentos, para atingir os objetivos que não foram sequer cogitados, muitos deles dormitando à sombra da obviedade.

Comentários como estes quase sempre tomados com melindre por alguns dirigentes, acenam na outra ponta como sinais de que a sociedade está viva pois ainda não se inventou nenhuma fórmula mágica para a correção de rotas a não ser a crítica saudável que mobiliza e convida à reflexão coletiva.

O resultado foi o esvaziamento das Assembleias quase sempre enfeitadas por pequenos grupos mais engajados. As assembleias (ordinária e extraordinária) convocadas para o mesmo dia e em seqüência, no final de um dia exaustivo de atividades, já iniciaram com vícios inaceitáveis de convocação. (sem comentários) Pelo figurino oferecido aos sócios, a primeira assembleia teria que se realizar em não mais que quarenta e cinco (45) minutos o que convenhamos é muito pouco para prestar contas de 2 anos de mandato e ainda estabelecer um projeto de planejamento estratégico, tão reclamado durante as assembleias.

A assembleia geral extraordinária, convocada para mudar os estatutos da SBN- em prol de um projeto continuista, arrivista e pouco debatido acabou por vetá-lo quase na íntegra não sem uma prévia, ôca, desgastante e evitável discussão entre os participantes na ausência de propostas de fortalecimento nacional e regional da SBN.

Do congresso além das boas exposições e porque não dizer das não tão boas, restou a bela Curitiba, que às vésperas de eleições concorridas para prefeito, manteve limpo e arrumado o sedutor calçadão da Boca Maldita, com as tendas dos candidatos organizadas e aseadas, sem os famosos volantes que emporcalham as cidades nestes momentos. A presença encasacada dos cidadãos curitibanos, batidos pelo frio do vento encanado, discutindo nas esquinas os problemas da cidade: Richa ou Gleizi?, o grande embate, aparentemente vencido com folga pelo primeiro.

Vá foi minha espera pelo "footing" vespertino e tradicional do escritor Dalton Trevisan envolto em seu negro sobretudo, mas me contentei em adquirir uma alucinante e alucinada biografia do Paulo Leminski.

O impressionante "Museu do Olho", obra do insuperável Niemeyer funciona como testemunha ocular do orgulho dos curitibanos por sua cidade. É uma obra que lembra o traço leve de Picasso sobre a maquiagem pesada dos olhos das dançarinas de flamenco.



Finalmente, sobrou para Emanuel Burdman e seus companheiros de chapa única para a direção da SBN no próximo biênio, a tarefa de carregar nos ombros, a esperança dos sócios, em convocar a sociedade de nefrologia para um amplo debate sobre o papel que lhe cabe na construção do SUS, na tarefa de ofertar tratamento de saúde adequado e competente para todos os brasileiros; para fortalecimento de uma universidade autêntica, transparente e autônoma; para estabelecimento do mercado de trabalho digno dos profissionais médicos; para incentivo da pesquisa e dos pesquisadores brasileiros; para a democratização dos conhecimentos, para a criação de um pólo industrial brasileiro de equipamentos e medicamentos, para a valorização da ética na relação entre indústria mercado e médicos; para inter-relação salutar com as outras entidades médicas e similares da sociedade brasileira; para o fortalecimento das Regionais da SBN; para revisão do trabalho dos departamentos; para orçamentação adequada das várias instâncias de atividades da SBN e, finalmente, para o engrandecimento da nefrologia brasileira.



**SONESP - SOCIEDADE DE NEFROLOGIA DO ESTADO DE SÃO PAULO**

**DIRETORIA BIÊNIO 2007/2008:**

**Presidente:**

*Dr Márcio Dantas*

**Vice Presidente:**

*Dr José Nery Praxedes*

**Secretário Geral:** *Dr Paulo Quintaes*

**Tesoureira:** *Dra Andréa Olivares Magalhães*

**Diretor de Defesa Profissional:**

*Dr Antônio Américo Alves*

**Diretor Científico:** *Dr Álvaro Pacheco e Silva Filho*

**Delegado da Região I (Metropolitana):**

*Dr Aderbal Ângelo Nastro*

**Delegado da Região II:** *Dr Jerônimo Centeno (Taubaté, Santos, Sorocaba, Registro, São José dos Campos e adj)*

**Delegado da Região III:** *Dr Miguel Moysés Neto (Ribeirão Preto Franca, Araraquara e adj)*

**Delegado da Região IV:** *Dr Leandro Júnior Lucca (São José do Rio Preto, Barretos e adj)*

**Delegado da Região V:** *Dra Jacqueline Caramori (Bauru, Araçatuba, Botucatu, Assis, Presidente Prudente e adj).*

**Delegado da Região VI:** *Dr Cyro Nogueira F. Moreira Filho (Campinas, Piracicaba, São João da Boa Vista e adj)*

**Conselho Fiscal:** *Dr João Egidio Romão Jr, Dra Yvoti Sens e Osvaldo Mereghe Vieira Neto.*

**JORNAL NEFRO SP:**

Coordenação: *Dr. Ruy Barata;*

Jornalista Responsável: *Ruy G. B. Neto;*

Editoração e Impressão: *Anema Editorial*

Tiragem 3.000 exemplares





## A força da conquista coletiva



**Dra. Altair Lima**

Nasci em uma grande família capixaba, que sempre assumiu papel nas políticas sociais que nos rodeiam, mas nunca qualquer um de nós seguiu o caminho da política partidária. Vitórias coletivas sempre foram nossos grandes anseios, abrindo mão frequentemente de interesses individuais. Em qualquer dia e lugar onde estivermos, sempre teremos posição definida e uma conquista social a ser defendida. Não temos medo de nos expor ao julgamento de nossos pares ou de revelar nossos pensamentos, pois acreditamos que esse é um caminho que nos induz à reflexão e ao crescimento.

Procuramos sempre a verdade e a justiça como aliados na busca de nossos ideais; e entendemos que a maior vitória que se pode alcançar é “a Vitória Sobre Si Mesmo”, como disse o Mahatma Gandhi. Vencendo nossos limites, nossos medos, apegos, inércia, egoísmo, preconceitos e intolerância, poderemos nos alistar no exército dos “Construtores da Paz”.

Até fazer parte da Diretoria da SONESP (2005-2006), como Diretora de Defesa Profissional, a convite do então Presidente, Ruy Antonio Barata, eu não tinha qualquer experiência associativa. Recebi de todos os membros daquela Diretoria e de colegas ilustres, com os quais passei a conviver desde então, as mais importantes lições, que hoje me capacitam para pleitear a presidência dessa importante Sociedade Médica que é a SONESP.

A Chapa “A FORÇA DAS PARCERIAS” nasceu do desejo de unir experiência e sabedoria de grandes mestres, com a força de trabalho de aprendizes dedicados, entre os quais me incluo. O ideal de todos que nos associamos no propósito de conduzir a Diretoria da SONESP no próximo biênio é fortalecer a Sociedade através de seus instrumentos já consagrados, avançando nos campos de ensino científico e de políticas de Saúde. O fortalecimento das sub-regionais e união dos nefrologistas será absolutamente fundamental e constituirá o alicerce da nova gestão. A SONESP deverá marcar presença em todo o Estado e a força do interior será realçada com o desenvolvimento de atividades científicas e associativas. As Diretorias Regionais deverão apresentar um calendário de atividades.

A Diretoria Científica, através do João Egídio, deverá consagrar a parceria bem sucedida da atual gestão com a SOCESP, através do Simpósio Coração-Rim, e levar a mensagem da nefrologia a outras comunidades médicas como a Clínica Médica, Obstetrícia, Pediatria, Endocrinologia, Cirurgia Geral e Anestesiologia. Entendemos que essas atividades fortalecerão o papel da nefrologia e contribuirão para melhor entendimento da Doença Renal e estratégias para sua prevenção.

O programa de prevenção da Doença Renal Crônica, como um braço do PREVINA-SE, ligado ao Comitê de Prevenção de Doença Renal Crônica da Sociedade Brasileira de Nefrologia, será incentivado através das parcerias já existentes com o SESI/REDE GLOBO, ROTARY CLUBS e Secretaria Estadual da Saúde.

A Defesa Profissional, com a direção de Ruy Antonio Barata, deverá atuar firmemente na defesa de nefrologistas associados e da nefrologia, como importante instrumento de Saúde Pública. Deveremos, obrigatoriamente, estreitar laços e firmar parcerias com gestores e poder público de nosso Estado. A luta para manter as condições necessárias ao bom atendimento em Terapia Renal Substitutiva (TRS) será mantida com grande empenho e insistiremos no diálogo com os gestores, a respeito das políticas públicas para a TRS e também para o tratamento conservador da DRC.

Entendemos que é parte da defesa profissional e importante para promover os objetivos da SONESP, a consolidação de canais de comunicação com nefrologistas e sociedade civil. Isso deverá ser mantido através da Home Page, do Jornal NEFRO SP e ocasionalmente por parcerias para utilização de outras mídias.

Essas são algumas das metas a serem alcançadas na próxima gestão.

A Secretaria Geral ficará a cargo de Andréa Olivares, que já tem experiência como tesoureira da atual gestão e será fundamental no desenvolvimento dos programas.

O tesoureiro Hugo Abensur também é um nefrologista reconhecido pelo empenho nos interesse dos nefrologistas e tem excelente experiência como tesoureiro da SBN.

O conselho fiscal será composto por quadros experientes da nefrologia e dos assuntos da Sociedade Paulista e Brasileira de Nefrologia. Todos com muita experiência, são reconhecidos por grandes trabalhos prestados à SONESP e à SBN.

**Baxter DP**

Com a **HomeChoice**, seus pacientes **nunca** estão sozinhos.

**Na Baxter, acreditamos que ser atendido por uma pessoa de verdade ou por uma mensagem gravada faz toda a diferença do mundo.**

Para mais informações sobre DPA e a HomeChoice, visite o site [www.baxter.com.br](http://www.baxter.com.br)

**Suporte 24 horas**  
**0800 12 55 22**  
**opção 1**

**Baxter**  
Baxter é uma marca Baxter International Inc.  
Baxter Hospitalar Ltda.  
Av. Alfredo Egídio de Souza Aranha, 100 - Bloco C, 9º andar, 71 e 9º andar  
São Paulo, SP - Cep: 04726-170 - SAC: 0800 12 55 22 - [www.baxter.com.br](http://www.baxter.com.br)  
HomeChoice é uma marca registrada de Baxter International Inc.

## ENTREVISTA

# Desafios de uma gestão

Graduado pela Universidade Federal de Uberlândia em 1985, Márcio Dantas despertou para a nefrologia em consequência de um trabalho de monitoria realizado durante o curso de graduação. Na época, a nefrologia da região ainda tinha poucos especialistas e precisava de profissionais engajados para seu desenvolvimento.

Formado, ingressou por concurso na Residência Médica do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto quando então iniciou-se numa trilha que o levaria até o doutorado e ao pós-doc realizado no exterior.

Desde 1990 é docente do Departamento de Clínica Médica da FMRP-USP onde desenvolve suas atividades de ensino e pesquisa. O mesmo entusiasmo da vida acadêmica Márcio transferiu para sua gestão a frente da Sociedade de Nefrologia do Estado de São Paulo (2007-2008), onde liderou inúmeras iniciativas incluindo a contestação judicial dos cortes financeiros realizados pelo Estado de São Paulo na produção de serviços de terapia renal substitutiva (ora em curso). Nesta entrevista Márcio faz um balanço do período e reflete sobre aspectos do trabalho associativo e o prazer da realização coletiva de atividades, das vitórias e da necessidade de manter uma atitude independente e ativa à frente de uma sociedade médica.

### Como foi o seu envolvimento com o trabalho associativo?

Minha atuação era, e continua sendo, predominantemente acadêmica. Até há 4 anos, meu envolvimento com a SBN ou a SONESP limitava-se à participação nos eventos científicos. Iniciei este envolvimento mais político (vamos dizer assim) de maneira inesperada e meio por acaso. Em outubro de 2004, o Dr. Ruy Barata e o Dr. Antônio Américo Alves, ao montarem uma chapa para concorrer à diretoria da SONESP, nem sei como nem porque, indicaram o meu nome para ocupar a diretoria científica. Fiquei surpreso com o convite e me senti honrado. Tive pouco tempo para refletir a respeito e como as pessoas daquele grupo eram muito respeitadas, apesar de mal nos conhecermos, aceitei o convite. A nossa chapa saiu-se vitoriosa naquela eleição e assim iniciei minha gratificante participação na vida política da sociedade.

### Tem sido produtivo?

Considero que esta experiência tem sido muito prazerosa e enriquecedora, primeiramente porque eu tive a sorte de entrar em um grupo de pessoas amigas, solidárias experientes e corretas. Particularmente o Ruy e o Américo são verdadeiros "arquivos vivos" da sociedade e, não apenas eu, mas todos os demais membros da diretoria do biênio 2005-2007 (Altair Lima, Ana Misael, Adriano Amiratti e Teresa Pfeiffer) aprendemos muito ali, pois estávamos todos iniciando nossas participações na SONESP. Apesar de termos divisão de trabalho conforme a função esperada de cada diretor, havia a participação de todos em todos os temas. Felizmente, nas minhas atribuições mais diretas, que consistiam em organizar, estimular e orientar os eventos da SONESP, as coisas caminharam bem.

### E na administração atual?

Na diretoria atual, do biênio 2007-2009, já no cargo de presidente, continuamos acompanhados de ótimos amigos e colaboradores: o Américo que se manteve diretamente conosco, além dos sempre presentes Praxedes, Paulo Quintaes, Andréa Olivares, e Álvaro Pacheco e Silva Filho. Dois outros membros da gestão anterior, ainda que não façam parte da diretoria atual, têm atuado intensamente e nos ajudado muito. O Ruy Barata, à frente do Nefro-SP, e a Altair Lima, que realiza um trabalho fabuloso no Estado de São Paulo nas campanhas de prevenção. Finalmente, foi um enorme conforto poder contar com os Diretores Regionais (Miguel Moysés Neto, de Ribeirão Preto; Leandro Júnior Lucca, de Bebedouro; Cyro Nogueira Fraga Moreira Filho, de São João da Boa Vista; Aderbal Angelo Nastro, de São Paulo; Jacqueline Costa Teixeira Caramori, de Botucatu; e Jerônimo Ruiz Centeno, de São José dos Campos), que colaboraram na formulação de uma sociedade mais abrangente e descentralizada. Assim, tem sido muito bom, mas isso é decorrência de termos tido estes profissionais amigos ao nosso lado.



### Quais as dificuldades para construir uma associação atuante e participativa na busca de objetivos comuns: científicos, humanísticos e sociais?

Quando uma categoria profissional, como é o caso dos nefrologistas, organiza-se numa sociedade nos moldes da SBN ou da SONESP, ela busca fortalecer-se para defender interesses comuns à maioria. Ela tem assim objetivos e atuação necessariamente políticos para se aprimorar, no nosso caso, nos campos profissional e acadêmico. Sendo assim, e particularmente no que se refere às defesas do interesse profissional da categoria, esta sociedade deve ter atuação de fato corporativa. Entretanto, nós nefrologistas somos pouco politizados. Existe sim, e felizmente, uma parcela pequena de nefrologistas, que são bem politizados, e também felizmente, com diferentes pontos de vista e formas de atuação. Eu mesmo, como comentado anteriormente, tinha participação muito restrita na sociedade e apenas nos últimos quatro anos passei a ter atuação política. Recentemente em Curitiba no Congresso Brasileiro de Nefrologia, não mais que 100 sócios dentre cerca de três mil, participaram das Assembléias Gerais da Sociedade. O que é uma pena.

### E com esse número se chegou a discussões determinantes para o futuro da atividade?

Eu me lembro que nesta assembléia foi discutido que a sociedade precisava voltar-se mais para o associado e que apenas o Jornal Brasileiro de Nefrologia e os eventos eram insuficientes para manter o interesse diante de uma anuidade cara.

Na verdade, a sociedade faz muito mais. O principal é manter um canal de diálogo constante com os agentes governamentais. Este canal é fundamental porque boa parte da nossa atuação nos coloca como clientes do governo e devemos estar sempre alertas e atuantes nas reivindicações dos reajustes das tabelas, sempre defasadas, para aumentar os tetos, para facilitar os credenciamentos de UTRs, etc. Atuação social também existe, haja vista as campanhas de prevenção que a SBN e suas regionais, a SONESP incluída, realiza em conjunto com outras organizações como, no caso de São Paulo, com a FIESP (SESI), Sistema Globo, Lions e Rotary Clubs, etc. Ora, estas campanhas deveriam ser estimuladas e financiadas pelo governo por ser problema de saúde pública, mas quem tem se empenhado é a nossa sociedade com patrocínios privados.

### Como você avalia sua primeira gestão à frente da Sonesp?

Esta gestão confrontou-se com alguns momentos de turbulência. O primeiro deles deu-se em São Paulo, capital, quando passou a ocorrer atrasos superiores a 30 dias nos pagamentos das unidades de diálise. Aqui a SONESP envolveu-se intensamente e chegou a reunir uma comissão de profissionais

médicos com o prefeito Gilberto Kassab, fato já noticiado previamente pelo NEFRO-SP. Nesta mesma ocasião a diretoria da SONESP e seus vários colaboradores, iniciaram conversações com um escritório de advocacia já experimentado em questões semelhantes para a abertura de uma frente judicial para enfrentamento da questão das glosas e atrasos de pagamentos que chegaram a comprometer seriamente a atuação das unidades de diálise. Data deste momento a decisão de nossa diretoria de entrar com representação de denúncia frente ao Ministério Público ora em andamento além de incentivar a entrada de ações judiciais pelas unidades comprometidas.

**Entre as atividades de ensino e reciclagem cite algumas com as quais o senhor se envolveu?**

Talvez a principal contribuição da SONESP se dê na organização e apoio na realização dos eventos científicos. São vários, todos com participação de nefrologistas das varias regiões do país. Estes eventos ora tem abordagem geral, como o Congresso Paulista de Nefrologia e o Curso de Reciclagem em Nefrologia, ora temático como a Jornada de Glomerulopatias. Além desses, realizados com sucesso em 2007, iniciamos profícua parceria com a Sociedade de Cardiologia do Estado de São Paulo (SOCESP), com a qual realizamos o I Simpósio Coração-Rim, que foi muito oportuno e bem avaliado. Esta grande oferta de eventos, até de grande porte como o Congresso Paulista de Nefrologia, é consequência da elevada concentração de profissionais médicos pesquisadores, escolas médicas, laboratórios de pesquisa de programas, centros de Residência e pós-graduação de alto nível no Estado de São Paulo particularmente, na sua capital. Em oportunas ocasiões, a parceria entre centros acadêmicos de produção científica tem se dado de maneira interessante e saudável como é o caso da Jornada de Glomerulopatias tradicionalmente realizado pela disciplina de Nefrologia da USP com o apoio da SONESP.

**Como você avalia a integração da Sonesp com as regionais de nefrologia do país?**

Até o momento não existe qualquer atividade da SONESP compartilhada diretamente com outras regionais. Seria o caso de trabalharmos para isso em algumas situações, mas infelizmente isto não vem ocorrendo. Acho que o melhor exemplo de atuação conjunta ocorre com as regionais do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Paraná que organizam em conjunto o Congresso Sul Brasileiro de Nefrologia. Integrações como essas devem ser estimuladas diante de algumas situações como problemas ou interesses regionais comuns. Quando ocorre integração em algum nível, é consequência de iniciativa local. Se não há uma política ativa da Diretoria Nacional, tampouco ela cria obstáculos. Há que se considerar que as enormes discrepâncias entre os recursos disponíveis para as regionais fazem muita diferença. Considero que a integração de regionais vizinhas, com número reduzido de sócios e recursos financeiros escassos, é uma ótima alternativa para que estas se fortaleçam.

**O que voce acha da relação da Nacional com a Regional? Pode melhorar?**

Felizmente a SONESP, como instituição política, mantém relação harmoniosa e saudável com a Diretoria Nacional. Digo isso porque somos, de fato,



**“ O principal é manter um canal de diálogo constante com os agentes governamentais. Este canal é fundamental porque boa parte da nossa atuação nos coloca como clientes do governo e devemos estar sempre alertas e atuantes nas reivindicações...”**

sócios da SBN, e não da SONESP. Além disso, muitos dos sócios paulistas são extremamente ativos tanto na SBN quanto na SONESP. O Antônio Américo, por exemplo, é Diretor de Defesa Profissional na SONESP e também membro do Conselho Fiscal na SBN. Entretanto, a SONESP é um exemplo de atuação descentralizada, o que alivia os encargos da SBN. Cito como exemplo decisão recente e independente da SONESP de iniciar processo de denúncia ao Ministério Público das glosas nos repasses das UTRs. Este processo está sendo custeado com recursos próprios da SONESP. Outro exemplo é a realização do Congresso Paulista de Nefrologia, um evento de grande porte e qualidade e de interesse de nefrologistas de todo o país.

**O que você acha necessário para dar vida às delegações regionais de São Paulo? Estaria na hora de ter agenda específica de reuniões de delegados, com pausas etc?**

A existência das diretorias regionais é ainda uma novidade e com pouca experiência acumulada. Certamente é muito mais apropriado e ágil termos representantes nas diferentes regiões do Estado do que apenas um diretor do interior, como ocorria até a última gestão. O Estado é grande, os problemas são muitas vezes localizados e facilita poder contar com alguém envolvido diretamente com a região para canalizar o diálogo com a diretoria executiva. Quando ocorreu o problema com as glosas das UTRs, foram os diretores regionais que se mobilizaram para fazer um levantamento da situação de cada região. O diretor regional que mais acionamos foi o Dr. Jerônimo Centeno que, além da sua atuação no levantamento citado, nos representou em eventos políticos na região do Vale do Paraíba (inauguração de hospitais, etc), participou de campanhas de prevenção e muito mais. Uma sugestão para ampliar a atuação dos diretores regionais seria estimular

e coordenar a realização de eventos científicos locais de curta duração. Considero que a SONESP dispõe de recursos financeiros para custear, aos menos em parte, eventos deste tipo.

**Qual a avaliação sobre o balanço financeiro desta gestão?**

A SONESP conta atualmente com boa saúde financeira, felizmente. Esta reserva de recursos é fundamental para que qualquer sociedade possa trabalhar. O processo de denúncia das glosas junto ao Ministério Público, a manutenção da homepage, a edição do NefroSP e a realização de eventos não seriam possíveis sem os recursos financeiros atualmente disponíveis. As fontes destes recursos são o repasse de parte das anuidades dos sócios na nacional que cabe às respectivas regionais, o lucro referente ao Congresso Paulista de Nefrologia e o lucro referente ao Curso de Reciclagem. O NefroSP e a home Page não geram ainda qualquer lucro, mas são também potenciais fontes. No final da gestão a Dra. Andréa Olivares apresentará o balanço financeiro ao Conselho Fiscal e os resultados serão divulgados no NefroSP.

**Voce acha que já podemos ter uma sede da SONESP?**

A SONESP já tem recursos para bancar sua própria sede. Se com imóvel próprio, não considero que seria o mais adequado porque o volume de recursos investido a descapitalizaria, mas em imóvel alugado não haveria problemas. Mas ainda não estou convencido de que o volume de trabalho que a SONESP realiza já justificaria ter sede própria. É possível que isso aconteça no futuro, mas acho que ainda não é o momento porque a relação custo-benefício ainda não compensa.



## CONTO

# O VÔO

(\*) **Luis Alberto Batista Peres**

Estava num bar. Pouco se lembrava do passado. Sabia apenas que estava sentado na mesa de um bar. Havia música e som de vozes discutindo a vida. Sentia algo nebuloso e imenso rondando os pensamentos. Era como se estivesse passeando pela alma de outra pessoa.

O garçom trouxe a bebida. O primeiro gole desceu queimando e abrindo passagem para o sentimento. Enquanto bebia observava a rua através da janela. Havia o brilho da luz do poste por sobre uma árvore, e o seu verde claro era embriagante. Passavam algumas imagens do passado, muito vagas, impossível decifrá-las.

Uma mulher cantava a força de sua alma. Pensou por um momento que ela devia ser feliz. Mas em seguida soube que o seu peito era uma grande caixa cheia de mágoas. Ela transmitia todas as dores dos compositores, e era possível ver através dos seus olhos um pouco mais. Seus olhos eram vermelhos, como o sol dourado em época de seca.

Estava feliz. Completamente inerte, sem saber exatamente quem era, mas vivo. Sabia que sobrevivera a tudo que passara até agora, e era tudo. Isso era suficiente para sentir-se um vencedor. Mas o quê vencerá? Quem?

Súbito veio-lhe a mente a imagem da morte. Pensou que talvez morrera e isso que estava vivendo seria o paraíso ou o inferno. Qual deles mereceria? Difícil dizer agora. Mas algo dentro de si dizia que fora uma boa pessoa.

O garçom em pé num canto o observava. Imaginou como seria a sua vida. A noite toda servindo bebida e ouvindo os lamentos dos bêbados. Depois ir para casa e provavelmente sentir a grande dor que consome os que vão para casa e fazem um balanço da sua vida com a cabeça no travesseiro.

Entre um gole e outro absorvia o verde da árvore. Era um verde piscina. Algo o fazia sentir que já ansiara por esse verde. Veio-lhe então os versos do poeta. “Enquanto há verde pastai pastai olhos meus...” Ficou alguns minutos impregnado pelo brilho do verde. Era uma imagem que lem-

brava família, casa, crianças... Mas era muito nebuloso...

Um inseto ficou rondando a mesa. Era mágico aquele vôo silencioso e sóbrio. Como se o provocasse o inseto subia acima da árvore da rua e voltava em rasante pela janela passando em cima de sua mesa. Ficou imaginando a vida daquela criatura pela noite. Rondando os becos, os bêbados, o êrmo...

Veio-lhe a idéia de tornar-se um inseto. Se pudesse escolher agora diante do criador. Chega de gente! Eu quero ser um inseto! Pode ser desses distraídos que voam cambaleantes, às vezes trombando com as vidraças. Um inseto perdido na noite. Como seria bom voar pela noite, perdida, perdido...

A cantora olhou nos seus olhos. Sentiu-se invadido. Estava meio embriagado, quando sentiu seus olhos, mais fundo que as palavras, dizendo e embriagando mais. Era agora uma peça do seu canto. O motivo e a razão dos acordes.

Percebeu então que era o último sobrevivente do bar. Os outros já estavam longe, navegando em sono profundo, inertes. O garçom estava num canto. Às vezes titubeava para os lados como se tivesse absorvido todo o álcool que servira. E havia o inseto. Ia e vinha em seu vôo rasante.

A cantora então anunciou a última música. Essa vai para o cavalheiro de paletó marrom. Teve que olhar para o seu paletó para ter a certeza de que era com ele. O som veio em acordes dissipados rasgando o espaço. Como se fossem arrancados do peito da cantora e atirados contra o seu. E como doíam quando batiam em seu peito. Eram facas sendo atiradas e penetrando a carne. Tudo que ela dizia eram verdades que varreram sua vida. A verdade era o seu canto. “E o seu canto era tudo!”

Quando a música findou em pianíssimo



sentiu que algo nele morria. Era o fim. Precisava ganhar a rua. Tinha que fugir. Tirou do bolso o dinheiro que tinha e jogou sobre a mesa, saindo em disparada para a noite. Sentiu que alguém o seguia. Mas não podia olhar para trás. Era perseguido talvez pelo garçom, o dinheiro não seria suficiente para pagar a conta? Ou seria a cantora que diria: “Vi no seu olhar o sentido da vida e quero ser sua eternamente”. Quanto mais corria mais percebia a presença fungante atrás de si. Então ofegante parou no lumiar de um poste e esperou que alguém lhe dissesse algo. Mas o que sentiu foi apenas o som do inseto passando rasante pela sua cabeça e ganhando a companhia dos milhares que rondavam a luz do poste. Agora seria impossível achá-lo no meio dos seus semelhantes. E eram tantos!

Então as pernas foram novamente movimentadas num impulso medular. E assim foi seguindo a rua. Agora não havia quem o seguisse. Era a sensação plena de estar só. Foi caminhando lentamente como se fosse um inseto ferido. Lentamente sua figura foi dissipando-se na noite. Aos poucos foi misturando-se à sombra das árvores. E saiu voando...

\* **Luis Alberto Batista Peres** é  
**Nefrologista**

# ELEIÇÕES

## Contribuição para a Democracia



Foto: Jailson Ramos

**Emmanuel Burdmann**  
- “*experiência a serviço do diálogo*” - *presidente da chapa SBN para todos.*

Um dos problemas cruciais das eleições de sociedades de âmbito nacional é garantir a possibilidade do voto a todos os associados do país, mantê-lo em seu caráter secreto, inviolável e, permitir ao eleitor o grau de confiabilidade de que seu voto foi recebido e depositado na urna receptora estabelecendo princípios de fiscalização, transparência e lisura.

Há algum tempo a Sociedade Brasileira de Nefrologia (SBN) avançou na direção de ampliar a participação nacional, permitindo o voto correspondência, mas não tornou a mecânica mais sofisticada. O Conselho Regional de São Paulo (CREMESP) acaba de fornecer elementos para aperfeiçoar estes mecanismos. Sob concordância das chapas inscritas, que não foram poucas, estabeleceram-se instrumentos regras e garantias para preencher os requisitos do voto secreto e democrático por correspondência.

No caso, a dinâmica eleitoral se deu com base num contrato estabelecido com os Correios. Este fixou uma agência única onde se encontra uma caixa de correspondência destinada ao CRM onde foram coletados os votos enviados. O votante mandou o seu voto dentro de um envelope não identificado dentro de outro envelope identificado, o que permite o retorno de um documento de recebimento dirigido ao votante.


Na caixa postal (urna) os votos são depositados pelos funcionários do correio e a apuração sob fiscalização dos concorrentes se dá com os envelopes não identificados. A contagem se dá no dia apurado sob a fiscalização dos delegados das chapas, cabendo validação ou anulação dos votos mediante regras muito claras. De alguma forma é possível tentar o concurso dos tribunais eleitorais para

contribuírem com o aperfeiçoamento de regras acordadas. Afinal estes princípios vêm ganhando experiência e credibilidade em nosso país como prova a introdução de urnas eletrônicas em eleições majoritárias e proporcionais em todos os estados e municípios brasileiros.

A apologia das sociedades internacionais – mais empresas que instrumentos sociais – tem sido abanadas como exemplos a serem seguidos nacionalmente. Será??? A resposta passa pelo Congresso

internacional de nefrologia realizado no Rio de Janeiro no ano passado.

A tecnologia da informática hoje permite segurança para o voto e assim como para as transações financeiras e comerciais pela Internet logo será possível a universalização segura do voto como instrumento seguro capaz de propiciar o fortalecimento da democracia que se tornará mais participativa, permitindo a manifestação segura e livre dos cidadãos.

 <b>SOCIEDADE BRASILEIRA DE NEFROLOGIA</b> <b>ELEIÇÕES 2008</b>		
<u>DIRETORIA NACIONAL</u>		
<b>CHAPA: SBN para Todos ( )</b> Presidente: Emmanuel de Almeida Burdmann Vice-Presidente: Alvimar Gonçalves Delgado Secretário Geral: Daniel Rinaldi dos Santos 1º Secretário: Rodrigo Bueno de Oliveira Tesoureiro: Luis Yu		
<u>DEPARTAMENTOS</u>		
<u>NEFROLOGIA PEDIÁTRICA (7)</u> ( ) Alberto Zagury ( ) Fábio Auriemma ( ) Luiz Afonso H. Mariz ( ) Marcelo de Sousa Tavares ( ) Maria Cristina de Andrade ( ) Maria de Fátima Santos Bandeira ( ) Maria Goretti Moreira G. Penido ( ) Rejane de Paula Menezes ( ) Vera Hermina Kalika Koch	<u>DEFESA PROFISSIONAL (7)</u> ( ) Alan Castro Azevedo e Silva ( ) Altair Oliveira Lima ( ) Ana Maria Misael ( ) Arthur Campos Pereira da Silva ( ) Carmen Tzanno Branco Martins ( ) Itamar de Oliveira Vieira ( ) João Damásio S. Simões ( ) Maria Ermecilia Almeida Melo ( ) Roberto Gomes Serpa ( ) Ruy Barata ( ) Sérgio Wyton Lima Pinto	<u>NEFROLOGIA CLÍNICA (7)</u> ( ) Edison Souza ( ) Gianna Mastroianni Kirsztajn ( ) Ita Pfeferman Heilberg ( ) Jenner Cruz ( ) João Milton Martins O. Penido ( ) Marcio Dantas ( ) Marcus Gomes Bastos ( ) Maria Almerinda Ribeiro ( ) Maria Goretti Polito ( ) Natalino Salgado Filho ( ) Osvaldo Meregê Vieira Neto ( ) Rui Toledo Barros ( ) Yvoty Alves Santos Sens
<u>TRANSPLANTE (7)</u> ( ) Abrahão Salomão Filho ( ) Álvaro Ianhez ( ) Carlos Alberto C. Calazans ( ) Fernando Lucas ( ) Margarida Maria Dantas Dutra ( ) Maria Cristina Ribeiro de Castro ( ) Marilda Mazzali ( ) Medina Pestana ( ) Roberto Ceratti Manfro	<u>ENSINO, RECICLAGEM E TITULAÇÃO (7)</u> ( ) Eduardo Rocha ( ) Elias David Neto ( ) Elizabeth De Francesco Daher ( ) Elvino Barros ( ) Hugo Abensur ( ) Jocemir Ronaldo Lugon ( ) José Hermogenes Rocco Suassuna ( ) Lucio Ronaldo Cardoso ( ) Milton Soares Campos Neto ( ) Nestor Schor ( ) Pedro A. Gordan ( ) Roberto Pecoits Filho	<u>DIÁLISE (7)</u> ( ) Arthur Ferreira Tavares Neto ( ) Fernando Saldanha Thomé ( ) Frederico Ruzany ( ) Gustavo M. Capanema Silva ( ) João Egídio Romão Jr ( ) Jorge Paulo Strogoff de Matos ( ) Mauricio Younes Ibrahim ( ) Ronaldo Roberto Bérغامo ( ) Sergio Fernando Ferreira Santos ( ) Sônia M. Holanda A. Araújo
<u>HIPERTENSÃO ARTERIAL (7)</u> ( ) Carlos Eduardo Poli de Figueiredo ( ) Cibele Isaac Saad Rodrigues ( ) Maria Eliete Pinheiro ( ) Pedro Jabur ( ) Rogério Baumgratz de Paula ( ) Rogério Mulinari ( ) Sebastião Rodrigues Ferreira Fº	<u>FISILOGIA E FISIOPATOLOGIA RENAL (7)</u> ( ) Antonio Carlos Seguro ( ) Claudia Maria de Barros Helou ( ) Elisa Mieko Suemitsu Higa ( ) José Augusto Meneses ( ) Maurilio Leite Júnior ( ) Mirian Aparecida Boim ( ) Roberto Zatz ( ) Terezila Machado Coimbra	<u>INFORMÁTICA EM SAÚDE (7)</u> ( ) Américo Lourenço Cuvello Neto ( ) David J. B. Machado ( ) Eurípedes Barsanulfo Pereira ( ) Leda A. Daud Lotaif ( ) Mauro Barros André ( ) Sergio Antonio Draibe ( ) Yoshimi J. A. Watanabe
<u>CONSELHO FISCAL (3)</u> ( ) Antonio Américo Alves ( ) Carmen Tzanno Branco Martins ( ) Cibele Isaac Saad Rodrigues ( ) Mauricio Younes Ibrahim ( ) Valério Hipólito ( ) Valter Duro Garcia		
<b>OBS: O NÚMERO ENTRE PARÊNTESES REFERE-SE AO MÁXIMO DE VOTOS A ASSINALAR</b>		

# Fleury firma parceria com Livraria Cultura

### Proposta é aproximar a medicina do conhecimento cultural

Os Laboratórios Fleury e a Livraria Cultura, em São Paulo, mostram que é possível a realização de projetos que levem especialidades médicas para outras searas do conhecimento, como o cultural neste caso. As duas empresas firmaram parceria em torno do projeto Saúde ao Pé da Letra, que se caracteriza como um ciclo de palestras cuja idéia é discutir os pontos de contato que existem entre a medicina e as artes. O primeiro evento do projeto contou com a participação do médico e escritor Moacyr Scliar e do infectologista Celso Granato. Os profissionais falaram sobre a evolução da medicina e demonstraram como as doenças impactaram a história dos países e das suas artes.

As relações podem ser vistas sobre vários ângulos. Um deles mostra a literatura como sendo um grande registro da realidade de uma época causada pelas pestes. Um exemplo, entre os clássicos, é Decameron, do italiano Giovanni Boccaccio, que relata a peste negra, responsável por dizimar quase um terço da população européia entre 1348 e 1353. Albert Camus, trabalha a partir desta mesma doença, a narrativa de A Peste (1947) em que os

habitantes da cidade Oran, na Argélia, descobrem a solidariedade e refletem sobre a condição humana. Há ainda a célebre obra de Gabriel Garcia Márquez, O amor nos tempos do cólera, que conta uma incrível história romântica de amor platônico em meio as agruras de uma epidemia de peste.

Também foram abordadas as relações de famosos escritores com as suas próprias doenças. Scliar lembrou que no século 19 quase todos os escritores e intelectuais da época conviviam com a tuberculose. Primeiro há uma fase em que os poetas e artistas ficavam típicos e morriam, exemplo de Álvares de Azevedo e Castro Alves, este morreu tísico aos 24 anos. "A gente não se dá conta que um homem que produziu uma obra gigantesca morreu na mesma idade em que os jovens de hoje ainda estão começando a vida", diz Scliar. Depois, para Scliar, veio a fase em que os artistas não morriam, mas ficavam crônicos – o que influenciava totalmente na obra feita. Caso de Manuel Bandeira, que também tísico, foi se tratar em Davos, na Suíça – além de sede do neoliberalismo mundial, concentrava o maior sanatório para o tratamento de

tuberculosos. No Brasil, o local considerado ideal para o tratamento era em Campos do Jordão.

Já Celso Granato tratou de explorar como as doenças foram importantes para a construção da história de uma série de nações. Um dos casos abordados na palestra foi o da conquista do México, onde vivia a população asteca, pelos colonizadores espanhóis em 1519. Os ibéricos, que já haviam suportado a convivência com doenças como a varíola, totalmente nova para o povo indígena, passaram a injetar a doença na população mexicana levando-os a morte. Trata-se de um do primeiro caso de guerra epidemiológica que se tem notícia. O mesmo aconteceu na dominação dos ingleses na América do Norte, quando eram doados cobertores e toalhas, contaminadas com varíola, enviadas como presentes para os índios. O projeto Saúde ao Pé da Letra terá continuidade no dia 8 de novembro com uma palestra em torno do tema genética e ficção científica. Os convidados são Fernando Kok, especialista em genética, e Christian Peterman, jornalista especializado em cinema e colaborador do Guia da Folha.



Produzidos sob os mais rígidos padrões de qualidade, os produtos Farmarin oferecem as mais variadas formulações, resultado de investimentos em pesquisas e desenvolvimento de novas tecnologias visando sempre a melhoria da qualidade de vida dos pacientes renais.

# FARMARIN

Há 20 anos em constante evolução



- FARMAVEIN - Equipo de infusão.
- FARMAPRESS - Isolador condutor de pressão.
- FARMACATH 2 - Cateter duplo lúmen para hemodiálise e aferese.
- FARMACATH 3 - Cateter triplo lúmen para hemodiálise e aferese.
- FARMAPLIC - Agulha de fistula.
- FARMASET AR - Linha de sangue arterial.
- FARMASET VE - Linha de sangue venoso.
- FARMABAG A - Bolsa para nutrição parenteral automática.
- FARMABAG G - Bolsa para nutrição parenteral gravitacional.



**FARMARIN**  
INDÚSTRIA E COMÉRCIO LTDA.

Rua Pedro de Toledo, 600  
Cep 07140-000 - Guarulhos - SP  
SAC: 0800 101 106  
vendas@farmarin.com.br  
farmarin@farmarin.com.br  
www.farmarin.com.br

